

# Caminhos Literários

POEMAS, CONTOS E CRÔNICAS



**ELENIR ALVES**  
ORGANIZADORA

selo

REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

# **ELENIR ALVES**

## **ORGANIZADORA**

**Copyright © por Autores**

**Organização: Elenir Alves**

**Projeto editorial: Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**2021**

**Patrocínio:**

**[www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com)**

# SUMÁRIO

**CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO POEMA OU CONTO**

**Olhares apaixonados, por Ademir Pascale, pág. 05**  
**Olhando o passado, mas mirando no futuro, por André Luiz Martins de Almeida, pág. 11**  
**Das palavras colhidas no silêncio, por Carlos Daniel Dojja, pág. 13**  
**Nada me foi dado, por Carlos Daniel Dojja, pág. 16**  
**Memórias, por Ivan Ribeiro Luiz, pág. 18**  
**Ninfa, por Ivan Ribeiro Luiz, pág. 20**  
**Sobre Deus, por Karla D. Martins, pág. 22**  
**Imagine a realidade, por Pamela Marquezeli, pág. 24**  
**Carta a uma filha peluda, por Roberto Schima, pág. 28**  
**Escrevendo no escuro, por Vinicius Benatto, pág. 32**  
**A trilha de uma vida, por Vinicius Benatto, pág. 34**  
**Conheça outros títulos da coleção, pág. 36**

**Organização, capa e diagramação: Elenir Alves - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)**

**VISITE:**  
**[www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com)**

**[www.facebook.com/projetoautoestima](http://www.facebook.com/projetoautoestima)**  
**[www.instagram.com/revistaprojetoautoestima](http://www.instagram.com/revistaprojetoautoestima)**





“O que me faz feliz é saber que toda manhã eu me reinvento”

— Elenir Alves



**APRESENTAMOS O CONTO**  
**OLHARES APAIXONADOS**

**Por Ademir Pascale**

**Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural. Criador e editor-chefe da Revista Conexão Literatura. Participou em vários livros, tendo contos publicados no Brasil, França, Portugal e México. É fã dos heróis da Marvel, ama pizza, séries televisivas, moedas antigas e HQs. Organizador do livro "Possessão Alienígena", pela Editora Devir. Autor do romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe", pela Editora Selo Jovem e autor convidado do livro "Aquela Casa", Editora Verlidelas, criador e organizador das antologias "O Legado de H. P. Lovecraft", "O Legado de Florbela Espanca", "Histórias para ler e morrer de medo", "Poesias ao vento", "Poesias ao Luar", "Apocalipse - Contos e poemas sobre o fim do mundo", entre outros. E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)**

**E**xistem vários tipos de olhares: olhares frios, daqueles que a pessoa demonstra que não está nem um pouco interessada em você e muito menos na sua conversa, desviando os olhos constantemente para tentar encontrar algo mais interessante. Olhares de deboche, daqueles que dizem mesmo sem dizer: “Mentira. Duvido que você seja capaz disso...”. Olhares alegres, daqueles que a pessoa também estampa um largo sorriso e lhe contagia fazendo o seu dia mais feliz, revelando que a sua presença é muito importante para ela. Olhares raivosos, daqueles que se você não correr é capaz da pessoa te morder. Olhares autoritários, daqueles que a pessoa acha que você é propriedade dela ou simplesmente seu escravo(a). Olhares tristes, daqueles que brilham e que parece que a pessoa vai chorar a qualquer momento te contagiando e o deixando também triste. E olhares apaixonados. Na realidade existem muitos mais tipos de olhares, mas é justamente sobre este último que a nossa história começa:

Fred era um tipo de garoto que se incomodava com os olhares das pessoas, porque ele não tinha sossego. Parecia que conseguia ler a mente das pessoas apenas pelo olhar. Na realidade ele conseguia ler, ou pelo menos achava que conseguia. E você leitor sabe que o olhar demonstra o que a pessoa está sentindo, pois só quem é muito profissional consegue disfarçá-lo, como um experiente jogador de poker. Fred, com seus 19 anos, já sabia de muitas coisas, apenas estudando o olhar das pessoas. Ele sabia quando estava agradando. Sabia quando tinha que se calar e sabia quando tinha que correr, tudo isso observando as variações dos olhares. Ele era (e acredito que ainda seja) obcecado por olhares. Tinha uma caderneta da qual fazia suas anotações e desenhos dos olhos, pálpebras e sobrancelhas, pois os três itens formam um importante conjunto para estudo. Seu estudo. Mas tinha um olhar que fez Fred parar e repensar sobre tudo o que aprendeu: o olhar de uma garota que frequentava a lanchonete da faculdade da qual ele trabalhava. Ele varria o chão. Atendia o público. Limpava os banheiros, inclusive os que estavam com as privadas quebradas e entupidas. Fazia o café e colocava os pães de queijo no forno para assar, lavando as mãos depois de ter limpado os banheiros (espero). Levava as

brincas dos clientes, porque era o único funcionário do seu período de trabalho das 8h às 14h. Ele fazia quase tudo lá, só não pegava no dinheiro, porque o seu Manoel, proprietário do estabelecimento, não confiava.

Mariana, esse era o nome da garota, era uma estudante de Educação Física. Ela sempre andava acompanhada do namorado, um estudante de Direito, folgado e autoritário. Fred não entendia como uma garota poderia se apaixonar por um rapaz com essas características. O “cara”, como Fred dizia, também devia malhar. Era forte e exibicionista. Sempre estava com suas camisas agarradas ao corpo mostrando os músculos. Parecia também ter bastante grana, pois além das roupas de griffe, ia cada dia com um carro diferente na faculdade, mas pode ser que o seu pai fosse proprietário de alguma loja de automóveis, o que não mudava nada: o cara tinha dinheiro. Fred acreditava em amor verdadeiro e talvez Mariana tivesse visto alguma qualidade naquele jovem malhado, bonito, rico e metido. A realidade era que ele tinha muitas coisas das quais Fred não tinha, tanto na parte financeira como na física. Mas de uma coisa ele tinha certeza, o “cara” certamente não sabia ler os olhares das pessoas tanto como ele, que era expert no assunto. Bom, mas chega de falar desse “cara”. Retrocedendo alguns dias no tempo, foi o olhar de Mariana que o fez repensar em seus estudos sobre “os olhares”:

— Oi, quero fazer um pedido! — diz a garota com o olhar semicerrado, enquanto segura a mão do “cara” que está com o olhar para cima. Um olhar de pouco caso.

— É..., pois não? — Fred olha secamente, pensa e reflete sobre o olhar da garota. — Por que o olhar dela está semicerrado? Sabe, parece um olhar de desejo. Mas como ela faria isso segurando a mão do namorado? Ele parece não notar e até faz pouco caso com o seu olhar ridículo...

— Posso fazer o meu pedido ou você está muito... ocupado? — a garota não mudou o olhar, mas o tom de voz deixava claro o seu sarcasmo, pois Fred estava ali para atender o público.

— Claro, fique à vontade! — Fred olhava disfarçadamente para a garota enquanto limpava o balcão com um pano embebido em álcool. A garota, vez ou outra

colocava uma caneta na boca e dava leves mordidas nela, como se estivesse fazendo isso para ter mais ideias sobre o que realmente iria pedir, ou simplesmente para atíçar Fred. Mas no final foi um pedido bem simples, a especialidade da casa: dois pães de queijo e dois sucos naturais de laranja.

Mariana e o “cara” fizeram esse ritual durante os cinco dias da semana e nos cinco dias ela permaneceu com o mesmo olhar e ele com o dele. Fred passou a pensar mais vezes em Mariana. Na realidade pensava dia e noite. Tentou fazer exercícios em casa para ter um corpo mais malhado, mas o cansaço do serviço não o deixava malhar por mais de 20 minutos diários e ao invés de ganhar músculos parecia que ficara ainda mais magro. Comprou roupas mais agarradas, mas ficou pior ainda, pois ficavam ainda mais nítidos os seus músculos esqueléticos. O seu olhar demonstrava cansaço. Passava as noites em claro desenhando o olhar de Mariana. Consultou livros sobre os olhares. Revisitou seus antigos desenhos e estudos.

Definitivamente, ele não poderia estar enganado: ela o olhava com desejo. Ela o queria. Os seus olhos demonstravam o que ela não tinha coragem de dizer, ou porque sempre estava acompanhada do “cara”. Fred ficou obcecado pelo olhar de Mariana e de vez em quando dava algumas escapadas do seu local de trabalho para passar em frente a sala dela e dar uma espiada na garota. Mas era difícil enxergar o seu olhar, pois ela sentava no fundo da sala.

O olhar de Mariana.

E tudo isso foi em apenas cinco dias. Os cinco primeiros dias de aula do primeiro ano daquela garota. Fred passou o final de semana pensando sobre o assunto. Tentou elaborar um plano bem simples, mandar alguém entregar um bilhete para ela em sala de aula. Isso não seria difícil. Um bilhete era mais fácil do que encará-la cara a cara e perguntar o que ela sentia por ele. Mas ela poderia achar isso tudo algo muito infantil. Um bilhetinho? Eles não tinham 10 anos de idade. Ele tinha que pensar em algo mais elaborado, mais maduro. Sei lá, ele tinha que pensar mais do que já estava pensando. E era bem difícil pensar mais do que isso.



Partir para a loucura seria loucura. Imagina perguntar o que ela sentia por ele na frente do namorado dela? Era certo que o “cara” quebraria a cara dele, isso se não fizesse algo pior. Não. Definitivamente não. Isso não. Em casa ele andava de lá pra cá e de cá pra lá, com a caderneta na mão revendo seus últimos desenhos. Só parou por cinco minutos para sentar e descansar um pouco, mas mesmo nesse pequeno tempo de descanso sonhou acordado com o olhar no vazio. Uma música invadiu seus pensamentos: “Arthur's Theme”, do cantor Christopher Cross (Ouça: <https://www.youtube.com/watch?v=ljt5-wY1cOU>). Quem sabe ele poderia fazer uma loucura e cantar essa música para ela no intervalo. Sim, algumas mulheres certamente gostariam de uma loucura destas. Mas ele se esqueceu novamente daquele “cara”. Que situação difícil. Algo que até parece ser simples torna-se num pesadelo. Ele poderia desistir. Mas era difícil, algo lá no fundo dizia para continuar. E ele sabia que continuaria.

Já era domingo, noite. No dia seguinte, logo cedo ele estaria novamente na lanchonete e poucas horas depois Mariana iria novamente lanchar, como fizera nos dias anteriores. Quem sabe um plano surgiria do nada. Algo inusitado.

E foi justamente isso o que aconteceu.

Na realidade não foi um plano que surgiu de repente, mas sim algo inusitado mesmo. Ela estava sozinha. Sim, finalmente o “cara” não estava com ela. Provavelmente faltou. E coisas boas não aconteciam na vida de Fred. Mas desta vez aconteceu. Ela estava só e tudo era bem mais fácil. É claro que ele não iria cantar para ela, mas quem sabe iniciar uma conversa ou quem sabe convidá-la para um cinema.

— Oi... Eu... — o olhar dela estava diferente —, só quero um suco de laranja, por favor.

Fred notou que ela não o encarava e olhava para baixo. Estava triste. Ele espremeu rapidamente as laranjas e lhe entregou o copo com suco. Ela caminhou vagarosamente e se sentou. E enquanto bebia, os seus olhos se fixavam no vazio através da porta de vidro do estabelecimento.

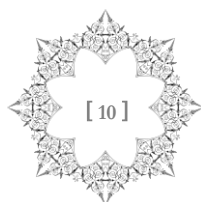
Uma nova música começou a rolar e disfarçadamente, sem o patrão ver, Fred aumentou o volume. Era “Never Be The Same”, do Christopher Cross. (Ouça:

<https://www.youtube.com/watch?v=zTUzPINHMD0>). Fred procurou não pensar muito, pois sabia que quando fazia isso acabava não tendo mais coragem, pois os pensamentos de que algo pudesse dar errado eram mais fortes que os pensamentos de que algo poderia dar certo.

Retirou o seu avental e o jogou no chão. Abriu a porta do balcão e caminhou em direção a garota que o fez ficar sem dormir e pensar por dias em inúmeros planos para conquistá-la. Mas naquele exato momento ele não tinha plano algum e todos os anteriores se apagaram. A sua única ideia era caminhar em sua direção e foi no meio de seu trajeto que ela desviou o olhar e o viu caminhando. Por um momento parecia que ela estranhou, pois apertou as pálpebras demonstrando tentar descobrir o que aconteceria nos próximos momentos.

Fred puxou a cadeira à sua frente e sentou-se. Ela pensou em dizer algo, mas não disse. Seu olhar triste modificou-se. E foi naquele momento que as dúvidas de Fred cessaram completamente.

Sim, coisas boas acontecem. E essa foi uma das primeiras de muitas na vida de Fred.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**OLHANDO O PASSADO, MAS MIRANDO NO FUTURO**

**Por André Luiz Martins de Almeida**

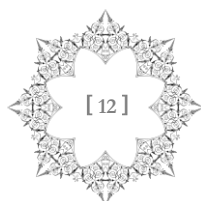
**André Luiz Martins de Almeida, nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, mora em Queimados desde a infância, morou em outros bairros de Nova Iguaçu e outro Estado como Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Aprendeu poesia nos livros e se inscreveu no Varal de literatura na Escola Estadual Dom Bosco em 1986, com seu primeiro poema e recebendo um certificado de participação, em 1987 passou a escrever continuamente. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional, vindo a participar de outros concursos nacionais em 2016. Atualmente está na Reserva da MB, e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014. Publicou seu primeiro livro completo "Antologia Poética -Aspirações de um Discípulo" pela Drago Editorial em 2019.**

Estamos muito pressionados neste momento contemporâneo.  
Tentamos corrigir muitas ações de um passado errôneo,  
Que nos facilite viver um futuro espontâneo.

Não temos aparelhagem que ao passado nos retorne,  
Muito menos ver o futuro, sem que o presente contorne.  
Viva bem o tempo presente zelando pelo futuro saudável, que se torne.

Estamos **olhando o passado, mas mirando no futuro.**  
Queremos corrigir, ou pelo menos reverter nossas ações,  
Prevenir e gerar atos que tragam compensações.  
Somos agora um povo que deixou de ser imaturo.

Somos um povo mirando no futuro profético.  
Acompanhando o passado e sua profecia de modo ético,  
Com o retorno do **Salvador Jesus** em tom poético.





**APRESENTAMOS A CRÔNICA**  
**DAS PALAVRAS COLHIDAS NO SILÊNCIO**

**Por Carlos Daniel Dojja**

**Carlos Daniel Dojja, escritor e poeta nascido no sul do Brasil. É membro da União Brasileira de Escritores, da Academy of American Poets e da Associação Portuguesa de Poetas.**

**Seus textos empregam um lirismo contemporâneo ao tratar de temas essenciais ao fazer e sentir humanos. Seus escritos são traduzidos e republicados pelo Centro de Estudos em Democracia e Cultura da University of Oklahoma**

**[http://tulsagrad.ou.edu/csdc/Dojja/Dojja\\_home.html](http://tulsagrad.ou.edu/csdc/Dojja/Dojja_home.html).**

**<https://www.facebook.com/carlosdanieldojs>**

**E**u tenho ouvido meus silêncios. Dizem um pouco sobre as palavras que não desterro, mas pressinto subsistir agregadas à pele da alma.

Estou agora vislumbrando algumas. Chegam a mim como correntes de água num rio a fazer.

Às vezes doces, ora tímidas, se aproximam infestadas de querereres.  
Totalmente contagiosas em suas aparições, a deixar-me em estado de alerta observatório.

Conjugações letradas, que me incitam ao imprevisível e ao permissível do tão só sentir.  
Por vezes anoto no murmurar tais configurações, que podem se parecer verbos de um tempo presente a fundar.

Ou quem sabe, se definem como transitivas diretas a amostrar, que podem pretender alcançar, alcançar, abalizarem-se para se tornarem reconhecíveis.

E em as percebendo desveladas, posso com elas tratar de compreender a instigante arquitetura do desejar.

Mas não são dóceis. Atrevem-se a vir sem aviso.

Instalam-se como se feitas dessas interrogações que não se vão, como se revestidas do vento que empresta movimento ao mar e faz cursar seus temores e anseios no marejar da vida.

O que querem de mim as palavras reverberadas, se não posso apenas colocá-las onde unilateralmente as prometo?

A independência de seus símbolos as torna insubmissas.

Afiguram-se incompatíveis com a superioridade de uma sobrepondo-se a outra.  
Não se deixam anular, não se fazem maiores do que o tamanho de suas formosuras e ardores.

Creio que parecem ser com o verdadeiro desprender afetivo. Na intimidade dos que se tocam, não há supremacias.

Ponho-me a refletir. Mostram-se singelos signos, que para muitos registram tão só grafias.  
Descreio.

Tais palavras ao traduzirem-se revelam sua dimensão infindável, a cor inventada que não condena o formato multifacetado, a densidão encorpada, o gosto que enseja o gesto de sua aparição.

Tem a capacidade de conduzir-nos para luas criados e a outros por vir a ser. Elevam-se mesmo que curtas em sonoridade, adensadas de significados que se leem na irradiação ressurgida.

São viscerais raízes encravadas no território de nossas mais singelas metamorfoses. Vêem-nos. Alargam-se.

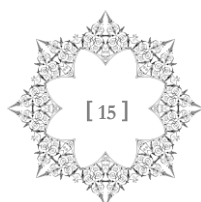
Deixam-se para que possamos aferir a cada uma ressignificados. Tornam-se cúmplices dessa experiência do vivenciar.

Há palavras desditas que retumbam e costuram-se como remendos.

Existem as não ditas, pronunciadas na profundidade que se conduzem lumières. Como as palavras, somos compreendidos, experimentados.

Nascemos sangue jorrado do ventre, que expele sua oralidade.

Depois nos vamos, como as palavras, nos fazendo andanças em moinhos do refazer, pois a alma que lê a palavra descrita no peito reinventa o olhar, mesmo que ainda a palavra não se faça revelar.



A person wearing a red jacket, a black cap with 'CALE' on it, and a backpack is standing on a dark rock peak. The background is a vast blue sky filled with white clouds. The overall scene is bright and airy, with a sense of height and openness.

**APRESENTAMOS O POEMA**

**NADA ME FOI DADO**

**Por Carlos Daniel Dojja**

**Carlos Daniel Dojja, escritor e poeta nascido no sul do Brasil. É membro da União Brasileira de Escritores, da Academy of American Poets e da Associação Portuguesa de Poetas.**

**Seus textos empregam um lirismo contemporâneo ao tratar de temas essenciais ao fazer e sentir humanos. Seus escritos são traduzidos e republicados pelo Centro de Estudos em Democracia e Cultura da University of Oklahoma**

**[http://tulsagrad.ou.edu/csdc/Dojja/Dojja\\_home.html](http://tulsagrad.ou.edu/csdc/Dojja/Dojja_home.html).**

**<https://www.facebook.com/carlosdanieldojsa>**



Nada me foi dado, ao escavar a sina,  
Tão pouco o respirar da palavra,  
Com a qual pulsei em fazer-me,  
Ao moldar as desinquietações da alma.  
Verti em mim, o que invisível a outrem,  
Ligou-me a instintiva volúpia do querer ser,  
E para existir, esculpi faces, lavrei estradas.  
Só me sei a degustar inquietudes,  
Que revestem a sombra margeada,  
Da qual como planta, de si restaurada,  
Faço-me caule em terra que habito.  
Resisto. Pulso. Revivo. Dou-me instante.  
Faço-me ouvir na calada dormente.  
Escuto-me. Não sei. Apenas sorvo.  
Que os outros em mim me traduzam.





**APRESENTAMOS O POEMA**

# **MEMÓRIAS**

**Por Ivan Ribeiro Luiz**

**Natural de MG, reside em Piúma ES, escritor tendo escrito publicado pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) SENAI e artigos em jornais.**

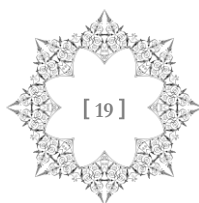
O que será o amanhã a não ser duas trilhas incertas a caminhar,  
pensamentos elusivos num crivo abstruso chamado destino, e  
enfrentar a estação da morte perdendo o bonde da vida em um extremismo magnético  
camuflando a fleuma contida num olhar dissimulado.

Nos recintos onde as cantilenas das manhãs e os ritmos desajeitados e fora do compasso  
das máquinas datilografadas trepidavam, só ouço o som assoberbante devorando tudo ao  
redor como a maresia do mar encapelado quebrando o silêncio da solidão do tempo  
alquebrado.

Nas livrarias e sebos, folhas perdidas, mofadas e amarelecidas carcomem para não  
fugirem de dogmas ou regras que tudo retorna ao ponto de origem, pois toda matéria tem  
sua sina ao pó inevitavelmente voltaras.

Nas calçadas e ruas das cidades o marasmo  
como um ditador atroz os aprisiona em becos lúgubres, onde crianças desalmadas fingem  
alegrias a margem das cantigas de rodas e do esconde, esconde sem saber o que encontrar  
e adultos silenciam por escassez das grandes melodias que ritmavam os corações.

E assim o relógio o guardião do tempo afere as horas zanzas  
das massas robóticas, presas em liberdades ocultas como pássaros cativos em quatro  
paredes com suas asas amputadas.





**APRESENTAMOS O POEMA**

**NINFA**

**Por Ivan Ribeiro Luiz**

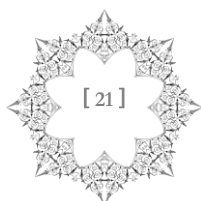
**Natural de MG, reside em Piúma ES, escritor tendo escrito publicado pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) SENAI e artigos em jornais.**

Perfume em flor  
em forma de mulher.  
sabor sublime do amor  
que quebra o pudor do desejo de querer.

Prisioneiro sou deste seu ser  
neste esbelto corpo que conduz  
nas muralhas do prazer  
num labirinto de curvas que seduz.

Já nem sei se é pecado  
lascívia, obsessão ou paixão.  
de um pensamento perdido  
na chama insânia da razão.

Ou se é insultos  
deste seu corpo em transformação  
reduzir-me a passos curtos  
para viver esta emoção.





**APRESENTAMOS O POEMA**

# **SOBRE DEUS**

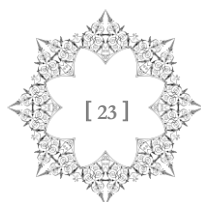
**Por Karla D. Martins**

**Professora da Universidade Federal de Viçosa há 20 anos, atua nas áreas de História do Cristianismo, Ocultismo e escreve poesias e prosas sobre assuntos dessa natureza. No tempo vago escreve contos e poesias, assim como artigos próprios sem vínculo acadêmico, trabalhos autorais.**

Vi um vale muito ao longe;  
Meu olhar nele vagava;  
Era triste e nevoento;  
Ao longe um ser pairava.  
Era Deus a me dizer;  
Vem comigo, sem errar;  
Muitas formas dele saiam ;  
Não conseguia nelas pensar;  
Deus, me diga como faço?  
Para seguir sem voltar;

Ele disse:  
– Só caminha, só caminha sem cessar.  
Fui, então, sem medo algum;  
Singrando pedras ásperas e frias;  
Entre gravetos soltos e lascas agudas;  
Era eu mais uma forma;  
Que dele se estendia.

Meu pai celeste, quanto amor!  
Na terra és uma quimera;  
Aqui, no vale, és maior;  
Maior que tudo que se espera.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**IMAGINE A REALIDADE**

**Por Pamela Marquezeli**

**Pamela Meneses La Cava Marquezeli, nascida em 15/05/2004 e atualmente com 17 anos. É do tipo que vive em seu próprio mundo, tem grandes expectativas e uma imaginação tão ampla quanto. No tempo livre gosta de estudar psicologia e artes visuais. Em boa parte do tempo viaja para onde sua imaginação a leva junto a uma emoção momentânea. Ela crê que a imaginação é um portal direto para o autoconhecimento e por isso não limita a sua. Possui um passado conturbado, mas diz que todos os traumas e lágrimas valeram a pena, pois graças a isso tornou-se alguém de quem se orgulha hoje.**



Acordei às sete  
E ainda estou deitada aqui.  
Mais uma vez indo além do limite,  
Pensando alto a ponto de conseguir ouvir.  
  
Tomando café da manhã começo a viajar.  
Caminhando pela praia,  
Com o cheiro do mar.  
  
Minha mente ama viajar,  
Criar lembranças sem sair do lugar.  
O melhor de tudo é poder enxergar  
Que tenho em minhas mãos o poder de criar.  
  
Pintores usam tinta,  
Escritores a caneta.  
Mas eu uso somente minha cabeça.  
  
No mundo imaginário tudo é possível,  
Até mesmo eu me torno o que desejo.  
Faço da minha pessoa uma visão impossível.  
Sendo atraente e esperta, não vejo defeito.  
  
Mas meu mundo é diferente,  
Aqui sou quem sou e não posso fazer nada.  
Como eu queria tornar aquela minha realidade.

Anos se passaram  
Muitas coisas mudaram.  
Parei para pensar a tomei a decisão,  
Se minha realidade não me agrada que eu a mude então.

Mudei meu modo de pensar,  
Mudei de perspectiva,  
A partir de agora não serei essa pessoa.

A aparência é temporária  
Vai embora como o vento.  
Mas e quanto a essa persona?  
Só me trás cada vez mais desespero.

Ser ou não ser?  
Essa é a questão.  
Já estou farta de calar meu coração.  
As pessoas vão julgar  
Sendo essa minha verdade ou mentira.  
Mas essa vida é minha,  
A mim mesma sou eu que devo amar.

Meus cabelos agora escuros,  
Minha identidade acolhi.  
Agora no espelho sinto que me conheci.

De antissocial calada

Para jovem escritora,  
A minha eu imaginária agora está ganhando vida  
E cada vez mais o meu mundo se ilumina.

Minha felicidade estava só na imaginação,  
Porém eu subi de nível  
Voo mais alto que um dragão.

Preferia quem eu fui?  
Diz isso sem saber  
Como foi que me senti  
Sendo quem nunca quis ser.

Autoestima?  
Nunca cheguei a ter,  
Agora que eu tenho nunca mais quero perder.

Nunca tive amigos  
.Enquanto tinha uma persona.  
Aceitei ser diferente  
E sei certinho quem me ama.

Monte quem quer ser,  
Pegue esses detalhes e os transforme em realidade.  
Escolha fazer isso para sua felicidade.





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**CARTA A UMA FILHA PELUDA**

**Por Roberto Schima**

**Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Os Fantasmas de Vênus", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Informações: Google. Instagram: @robertoschima. Contato: rschima@bol.com.br.**

15 de março de 2021.

**O**i, Loba!  
Vem cá, minha menina peluda!  
Cocolucha! Princesinha! *Mi amore!*

Ah, anos depois, essas expressões ainda ecoam em minha mente, assim como a lembrança de seu olharzinho tristonho em nossos últimos momentos juntos.

A despedida foi muito difícil, porém, mais difícil ainda era ver o quanto sofria, sem sequer conseguir se levantar. As dores. Os banhos diários a qual era submetida por ter se sujado nas próprias necessidades. Sequer havia tempo para seus pelos secarem. E seus ganidos... Confesso que, apesar do sofrimento por vê-la partir, depois que o veterinário aplicou-lhe a anestesia e percebi todo o seu corpo relaxar, livre da agonia, senti-me igualmente aliviado. A seguir, quando chegou a vez da injeção letal, essa foi mais difícil de enfrentar. Disse adeus junto aos seus ouvidos, na esperança de que seus irmãozinhos peludos, Sheik e Adam, estivessem prontos a recebê-la. Quando levantei o corpo ainda quente, sua cabeça tombou e bateu na parede. E eu, embora ciente de já não haver vida pulsando em seu coração, com dó, disse algo como: "Oh, desculpa! Tadinha..." Afaguei-a para aliviar uma dor que você não sentia, mas não podia dizer o mesmo em relação àquela que crescia dentro de mim juntamente com o vazio por saber que nunca mais a veria.

O veterinário a levou em seu carro de onde seguiria até o crematório.

Sua casinha e bacias continuaram no quintal. Os brinquedos que não mais conseguia brincar. A coleira. A correia. A escova com a qual alisava seus pelos e ainda traziam chumaços.

Então, sozinho dentro de casa, pus-me a chorar feito criança, embora fosse um homem velho.

Desnortado, dirigi-me até o *laptop* e fiquei navegando a esmo. De repente, deparei-me com uma música intitulada *Men Of Honor*, de *Two Steps From Hell*. Senti que havia algo de você nela, uma mensagem, um adeus, uma imagem de sua alma - sim, alma - saindo de seu corpo amado e dirigindo-se para as estrelas. Dependendo da música, ela

pode ter o poder de causar uma impressão permanente nas pessoas, remeter a um momento, trazer memórias longínquas. Para mim, *Men Of Honor* será sempre uma espécie de hino de despedida seu, Lobinha.

Estive longe de ser um grande "pai", embora tenha tentado, assim como a sua "mãe", a qual, felizmente, foi poupada de presenciar sua partida.

Escrevendo aqui e agora, imagens vêm de diversos momentos que compartilhamos em diferentes épocas, desde que chegou toda doentinha e quase morreu por causa da gastroenterite, mas, felizmente, pôde ser curada. A patinha raspada onde tomou soro. A carinha sofrida, tristonha. A saúde que recuperou pouco a pouco. A menina agitada que se tornou, pulando diante da janela da cozinha como se tivesse molas nos pés: "O *show* da Loba", era como chamávamos.

Os passeios. Os relutantes banhos. As idas ao veterinário. Seu amor incondicional e o olhar de devoção capaz de derreter um *iceberg*.

Ah, filha, que saudade de seu afeto!

Oh, diacho, os olhos começam a marejar.

Não, isso não deveria ser uma carta triste! Longe disso. É só para dizer o quanto você representou e continuará a representar para mim. Como iluminou e enriqueceu a minha existência. Foi minha primeira filhinha. Talvez, por ser menina, seja a resposta a sua doçura e tolerância aos meus agrados. Não, não tolerância, mas necessidade. O anseio por estar próxima, por demonstrar carinho, por precisar recebê-lo também. Haverá maior ou melhor personificação de um anjo? Duvido.

Espero que esteja bem aí no Céu, *mi amore*, entre os seus semelhantes, correndo alegre, livre e feliz pelos campos, sempre a brincar.

Espero que, agora mais velho ainda e pensando no dia em que eu próprio partirei desta vida, seja-me concedido a satisfação e o privilégio de revê-la, acariciá-la e abraçá-la uma vez mais. Não digo isso com a presunção de que serei merecedor de ir para o Céu. É mais o anseio de quem estará de passagem.

Muito obrigado, Lobinha, por todos os momentos que nos propiciou.

A imensa saudade que corrói meu peito só é igualada a felicidade de tê-la conhecido.

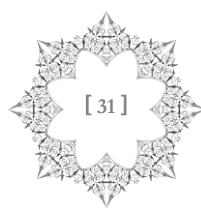
Saudades eternas.

Papai

\*\*\*

### **NOTA DO AUTOR:**

Este texto foi originalmente publicado na coletânea "Cartas Não Escritas", publicada pelo Projeto Apparere (<https://bit.ly/3wmuVuA>). É mais uma pequena homenagem à minha filha peluda, a exemplo do texto "Loba", publicado no nº 49 da revista digital "Conexão Literatura" ([http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao\\_literatura49.pdf](http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura49.pdf)). A música *Men of Honor* pode ser ouvida no YouTube em [https://www.youtube.com/watch?v=q05kRk\\_-ofE](https://www.youtube.com/watch?v=q05kRk_-ofE). Saudades, Lobinha, Sheik, Adam, Roni, Nick...





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**ESCREVENDO NO ESCURO**

**Por Vinicius Benatto**

**Vinicius Benatto, amante de leitura e poesia, entrou no caminho da escrita logo cedo, porém foi em 2020 que iniciou sua carreira literária. De lá para cá participou de diversas antologias, tendo carinho especial pela "Versos Soltos" e "Poemas e Café", ambas organizadas pela Revista Projeto AutoEstima.**

**Em junho de 2021 teve sua derradeira entrada no universo dos escritores brasileiros ao lançar seu primeiro livro chamado "Para Refletir".**



Escrevendo no escuro  
antes do dia amanhecer,  
vivendo a vida de um poeta  
sem ao menos perceber.

Pensando olhando pela janela,  
sobre o que vou escrever.

Fiz da poesia meu refúgio,  
e minha voz para os que precisarem  
esse é o poder da poesia,  
meu refugio é de todos os que necessitarem,  
um refugio de luz e calor  
para os que de esperança ansiarem.

Enquanto o dia amanhece,  
meu poema fica maduro.  
Acordei cedo para escrevê-lo,  
feito para os leitores do futuro,  
objetivando criar mais pensadores  
eu escrevo no escuro.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**A TRILHA DE UMA VIDA**

**Por Vinicius Benatto**

**Vinicius Benatto, amante de leitura e poesia, entrou no caminho da escrita logo cedo, porém foi em 2020 que iniciou sua carreira literária. De lá para cá participou de diversas antologias, tendo carinho especial pela "Versos Soltos" e "Poemas e Café", ambas organizadas pela Revista Projeto AutoEstima.**

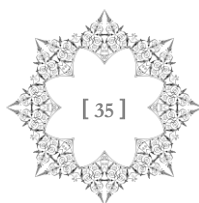
**Em junho de 2021 teve sua derradeira entrada no universo dos escritores brasileiros ao lançar seu primeiro livro chamado "Para Refletir".**

Na trilha de uma vida  
o que se pode encontrar?  
Alegria, tristeza, obstáculos,  
no decorrer do caminhar.

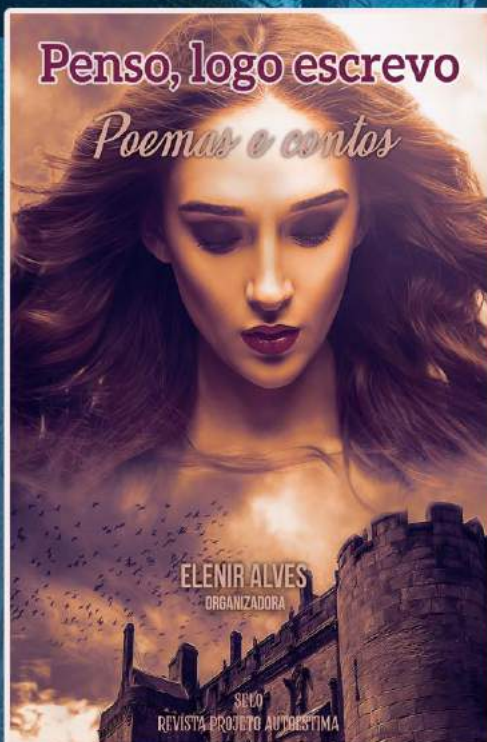
Enquanto a trilha é percorrida,  
todo o corpo se fortalece  
vista nova está a frente  
para aquele que prevalece.

Mas o que é prevalecer?  
Penso que é, no caminho encontrar  
seus próprios demônios  
e a todos eles aceitar, superar.

Na trilha da vida,  
cada um é o próprio guia,  
você escolhe seu caminho  
escolha com sabedoria.



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



**BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS**

VISITE: [WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM](http://WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM)

CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA](http://WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA)

[WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA)

E-MAIL: [ELENIR@CRANIK.COM](mailto:ELENIR@CRANIK.COM)

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**